



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSOR ORIENTADOR: FERNANDO BRAGA

MORTE DE JOÃO PAULO II:
O EVENTO MIDIÁTICO DE MAIOR REPERCUSSÃO NA HISTÓRIA

RONALDO GONÇALVES DA SILVA

RA 20839192

Brasília-DF

2009

RONALDO GONÇALVES DA SILVA

**MORTE DE JOÃO PAULO II:
O EVENTO MIDIÁTICO DE MAIOR REPERCUSSÃO NA HISTÓRIA**

Monografia apresentada para obtenção do
título de Bacharel em Comunicação Social do
Centro Universitário de Brasília - UniCeub.

Orientador: Fernando Braga

Brasília-DF

2009

RONALDO GONÇALVES DA SILVA

**MORTE DE JOÃO PAULO II:
O EVENTO MIDIÁTICO DE MAIOR REPERCUSSÃO NA HISTÓRIA**

Monografia apresentada para obtenção do
título de Bacharel em Comunicação Social do
Centro Universitário de Brasília - UniCeub.

Brasília de de 2009

Banca Examinadora:

Orientador: Prof. Fernando Braga

Prof. Luiz Cláudio

Ir. Élide Fogolari

Brasilia
2009

Ao Senhor Deus, a quem tudo ofereço e, à Virgem Maria;
à minha esposa Roseli, pelo seu amor, apoio e auxílio. Não chegaria a este dia sem
ela.

Aos meus filhos Giovanni Paolo e Angelo Gabriel. Ao Giovanni,
especialmente, cujo nome é uma homenagem ao papa João Paulo II; o amor, a
alegria e a ternura de ambos foram a grande motivação do papai.

Aos meus pais, Pedro Gonçalves da Silva e Maria Rosina da Silva (in
memorian). Principalmente o meu pai, porque ver um filho formado será para ele um
grande orgulho. Qual família nordestina não tem esse sonho?

À minha Comunidade Canção Nova, por acreditar e permitir que eu desse
este passo na minha formação. Tudo pela missão!

AGRADECIMENTO

Manifesto aqui toda a minha gratidão em primeiro lugar a Deus, por fazer da minha vida um conjunto de oportunidades, surpresas, desafios, dores e alegrias. Tenho uma grande lista de amigos que foram essenciais para esta meta que hoje alcanço:

Josy Cherrabi

Isaura Ponte Soares

Eduardo Gaio

Patrícia Alves

Cláudia May Philip

Miguel Lázaro Galvão

Ronaldo José de Oliveira

Ernani Franco Angelin

Maria do Socorro Costa

Beth Manzur

Essas pessoas ajudaram-me com a rica amizade, incentivo e apoio, inclusive financeiro.

Serei eternamente grato aos meus professores, na pessoa do querido orientador professor Fernando Braga. O conhecimento adquirido com vocês é uma herança da qual jamais me separarei. Muito obrigado!

“Para um cristão mudar o mundo, basta-lhe sê-lo”

Christopher Dawson

RESUMO

O mundo todo acompanhou com apreensão a lenta agonia do Papa João Paulo II. Sua morte comoveu pessoas de um canto a outro da terra, levou milhões de pessoas a Roma e atraiu a atenção da imprensa como nunca antes. Nosso trabalho intitulado “A morte de João Paulo II, o evento midiático de maior repercussão na história” mostra o impacto desse acontecimento graças essencialmente aos meios de comunicação modernos. Redações de jornais impressos, rádios, internet e redes de televisão nunca haviam dedicado tanto espaço e atenção a um fato, por tantos dias, ao todo, sete. O próprio Vaticano registrou um recorde de credenciamento de jornalistas: seis mil. Um número nunca visto antes de líderes mundiais se reuniu diante do caixão de um homem que, mesmo depois de morto, conseguiu chamar a atenção do mundo. Através de pesquisa e contato com personalidades e instituições mostramos porque a morte de João Paulo II foi o evento midiático de maior repercussão na história.

Palavras-chave: Morte. Papa. Cobertura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 A MORTE DO PAPA.....	10
1.1 O PAPADO	13
2 FALECIMENTO E VELÓRIO COMO EVENTO MUDIÁTICO.....	16
2.1 A COBERTURA DOS FUNERAIS	16
2.2 A DIMENSÃO DO FENÔMENO MUDIÁTICO	18
2.3 AS REAÇÕES PELO MUNDO AO ANÚNCIO DA MORTE.....	19
2.4 ROMA INVADIDA POR PEREGRINOS	20
2.5 AS MAIORES REDES DE TV DO PLANETA	21
3 O DIA EM QUE O MUNDO PAROU DIANTE DO PAPA MORTO	26
3.1 INIMIGOS HISTÓRICOS LADO A LADO	27
4 A COBERTURA EM DOIS GRANDES JORNAIS BRASILEIROS	33
4.1 O ESTADO DE SÃO PAULO: depoimento do jornalista José Maria Mayrink, por e.mail, ao autor, em 28/04/2009	33
4.2 A FOLHA DE SÃO PAULO	34
5 OPINIÕES E DEPOIMENTOS SOBRE ACOBERTURA DA MORTE DE JOÃO PAULO II	36
5.1 A FRANÇA QUE NÃO DIZ AMÉM.....	37
5.2 DEPOIMENTO DE UMA JORNALISTA EM CAMPO	40
6.1 VATICANO LUCRA COM MEGA EVENTO	45
7 CONCLUSÃO	47
REFERÊNCIAS.....	49

INTRODUÇÃO

O falecimento, velório e sepultamento do papa João Paulo II tornou-se um dos eventos midiáticos mais significativos da história contemporânea. No Brasil, alguns dos principais meios montaram uma estrutura especial para a cobertura do acontecimento. O *Jornal Nacional*, da *TV Globo*, foi parcialmente ancorado do Vaticano por cinco dias. A *TV Bandeirantes* enviou a Roma três profissionais para cobrir o evento. *Folha de S.Paulo* criou cadernos especiais, enviou repórteres para a cobertura, repercutiu cotidianamente o assunto no Brasil. O Estado de S.Paulo foi além, nos dias entre o falecimento e o sepultamento de João Paulo II, praticamente restringiu a cobertura internacional ao tema unindo três editorias numa só. Emissoras segmentadas como a Rede Vida e a TV Canção Nova mantiveram suas programações abertas a flashes, boletins, programas especiais e transmissões de missas direto do Vaticano durante todos os dias dos funerais. No exterior a atenção ao evento não foi diferente. As maiores redes de televisão do mundo – ABC, CNN e RAI - cobriam dia e noite os funerais do papa que o Brasil aprendeu a chamar “João de Deus”. (VEJA, 2005).

A morte do papa, em 2 de abril de 2005, foi o maior acontecimento midiático globalizado do século XXI, superando o 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos da América, a Copa do Mundo do Japão/Coréia em 2002, as Olimpíadas de Sydney no ano 2000 e Atenas em 2004. Segundo o Global Language Monitor, (órgão internacional que faz a medição da atenção que a mídia dá a um grande evento) mais de 75 mil reportagens foram publicadas em todo o mundo. Cerca de 10 milhões de vezes foi citado o nome de João Paulo II na rede mundial de informação, superando em mais de três vezes as reportagens sobre o atentado de 11 de setembro e em mais de dez vezes a reeleição de George Bush. Superou também a cobertura do acidente e morte do piloto brasileiro Ayrton Sena e da princesa Diana.

A agonia, morte e os funerais de João Paulo II, como um acontecimento midiático global, agendou as principais televisões, jornais, revistas e agências de notícias do mundo, enquanto outros acontecimentos noticiosos passaram para segundo plano de interesse da mídia, inclusive provocando o adiamento do casamento do príncipe Charles com Camilla Parker-Bowles.

Outro fator que tornou a morte do papa um fenômeno midiático foi a presença de tantas autoridades: cardeais, reis, rainhas, presidentes, primeiros-ministros, líderes políticos e religiosos, peregrinos e personalidades diversas.

Dada à relevância jornalística que os meios de comunicação conferiram ao evento, como profissional que atua na área religiosa, inclusive já tendo trabalhado por dois anos e meios na Rádio Vaticano, a Rádio do Papa, analisamos neste trabalho monográfico, os motivos de tamanho interesse e atenção dada ao papa pela mídia mundial. É um trabalho de pesquisa em fontes primárias, feito junto aos meios de comunicação, jornalistas entrevistados, personalidades e instituições do Brasil e do exterior.

São sete capítulos relatando a morte, a forma como a mídia começou a noticiar o acontecimento, as vozes de personalidades de todo o mundo e uma conclusão sobre o que ficou de frutos para a Igreja, a humanidade e o próprio mundo midiático depois de um evento que ocupou tanto espaço e atenção das pessoas em todo o planeta.

1 A MORTE DO PAPA

Karol Josef Wojtyła, o papa João Paulo II, morreu no sábado, 2 de abril de 2005, aos 84 anos. Eram exatamente 21h37min em Roma (16h37min de Brasília), quando o coração do papa parou de bater. Ele estava em seus aposentos, no Vaticano.

O quadro clínico do papa se agravara dois dias antes, com o comprometimento das funções renais e cardiorrespiratórias. Um choque séptico - reação do corpo a toxinas disseminadas devido a uma infecção generalizada - e um quadro de colapso cardiovascular foram as causas imediatas da morte de João Paulo II, que também sofria do Mal de Parkinson.

No momento de sua morte, João Paulo II estava cercado dos amigos mais próximos, envolto em orações ininterruptas. O diretor do Serviço de Notícias do Vaticano (Vatican Service News) e da TV católica italiana Tele Pace, padre Jarek Celecki, narrou depois, citando fontes polonesas, os últimos momentos de vida de João Paulo II:

O santo Padre teria morrido olhando para a janela do seu quarto, no terceiro andar do palácio apostólico, de onde se podia ouvir as vozes da multidão que rezava o rosário na Praça de São Pedro. Isso significa que ele estava consciente. Pouco antes de morrer, levantou a mão direita movendo-a em um evidente gesto de bênção, como se percebesse que a multidão de fiéis pudesse recebê-la. Terminada a oração, o papa fez um grandíssimo esforço e pronunciou a palavra 'Amém'. Logo depois morreu (CELECKI apud MESQUITA, 2007).

O jornalista brasileiro Wellington Mesquita, da Rádio Vaticano, que estava na Praça de São Pedro naquela hora, relata no livro "A sucessão no Vaticano – os bastidores da morte de João Paulo II e a eleição de Bento XVI" que cerca de 100 mil fiéis rezavam o rosário, iniciado às 21h. Conta que lágrimas corriam no rosto de muitos peregrinos. Que com suas mãos atacadas ao terço, rezavam fervorosamente. De repente, seu telefone toca, era o diretor do programa brasileiro da Rádio Vaticano, padre Mauro Zequin, avisando que a situação realmente tinha precipitado e que o anúncio oficial da morte sairia, no máximo, em duas horas.

Outra jornalista brasileira, Ilze Scamparini, da TV Globo, conta que nessa mesma hora, uma fonte sua de dentro do Vaticano telefonou dizendo: “olha, é o fim”. A partir daquela hora, a TV Globo passou a se mobilizar.

Seguindo o ritual da Santa Sé, a morte do papa foi atestada pelo camerlengo Eduardo Martinez Somalo, a maior autoridade administrativa da Igreja, na ausência do papa. Em seguida, o camareiro-chefe retirou o anel do pescador do dedo do pontífice, que deve ser quebrado, juntamente com o selo do papa, para que não sejam usados por mais ninguém.

Já era tarde da noite em Roma quando o arcebispo argentino, Dom Leonardo Sandri, subsecretário de Estado da Santa Sé, desceu do Palácio Apostólico e foi ao encontro dos fiéis na Praça São Pedro. Cem mil pessoas esperavam. “Nosso Santo Padre João Paulo voltou para a casa do Pai”. O anúncio foi acolhido com longo aplauso. Os sinos da Basílica de São Pedro badalaram por dezenas de minutos, seguidos pelos das outras igrejas de Roma.

O cardeal Angelo Sodano, número dois na hierarquia vaticana, iniciou então a oração “De Profundis”,¹ termo em latim que significa “das profundezas” e a seguir abençoou a multidão que naquele momento só crescia. Depois da bênção, Sodano não se conteve: “Nós todos nos sentimos órfãos”. (L’OSSERVATORE ROMANO, 2005).

As palavras do cardeal confortaram a multidão. O rosário continuou. A luz do terceiro andar do palácio apostólico foi acesa, ritual que indicava a morte do pontífice. Os fiéis entenderam perfeitamente que João Paulo II descansara após anos de intensa provação. Wellington Mesquita (2007) conta que “uma sensação de leveza tomava conta da praça”.

Na manhã de domingo o corpo do papa foi transferido para a Sala Clementina, local onde costumava realizar suas audiências privadas. Naquele dia a visitação ao corpo foi restrita aos membros da cúria romana e a algumas autoridades italianas.

¹ De Profundis – é uma das mais belas orações da Igreja que significa: “Das profundezas eu clamo a ti meu Deus”.

Missas em sufrágio eram celebradas em todas as igrejas do mundo. Na segunda-feira, os jornalistas foram os primeiros a poder visitar o corpo do papa. Ao fim do dia o corpo foi transferido para a Basílica de São Pedro para o acesso do público até a sexta-feira, dia sepultamento. Durante cinco dias o corpo de João Paulo II foi visto por cerca de quatro milhões de pessoas de todo o mundo.

O ritual fúnebre de um papa segue uma tradição de 1362, elaborado pelo bispo francês Pietro Ameil, que trabalhou durante 40 anos auxiliando alguns papas e elaborou tal rito que foi aplicado na morte de Urbano V em 1401.² Ameil distingue três espaços no ritual fúnebre: o quarto do pontífice, a capela papal e a igreja, no caso a Basílica onde o corpo de João Paulo II ficou exposto para visitação pública.

Essa exposição pública tem três objetivos: autenticar publicamente a morte do soberano, permitir a devoção popular e celebrar a glorificação do defunto. (L'OSSERVATORE ROMANO, 2005).

O jornalista da Rádio Vaticano, doutor em comunicação e professor da Universidade Gregoriana de Roma, Silvonei Protz, chama de “mar de gente” o que viu em Roma naqueles dias. Segundo ele, o que mais impressionou foi ver pessoas passarem 8, 10, 15 horas numa fila para, em 15 segundos, consumir a sua visão do corpo de João Paulo II. “Por que tudo isso? Isso era o que nós queríamos entender, naqueles dias. Por que alguém sai dos EUA, do Brasil, do norte da Europa, da Ásia para passar tantas horas numa fila e em poucos segundos realizar seu objetivo?”

Muitos jornalistas brasileiros acompanharam a peregrinação na fila para contar em detalhes ao público do Brasil o que estava realmente acontecendo em Roma. Um deles foi Caco Barcelos, jornalista da TV Globo, que ficou 18 horas, junto com o cinegrafista, na fila para ver o corpo do papa. Descobriu personagens como o casal brasileiro que chegou a Roma num trem lotado e carregou uma bandeira brasileira até perto do corpo; a família de italianas com um pé no Brasil; e as noviças que ensinaram a ave-maria em português para uma pequena italiana.

² Urbano V – Foi monge beneditino e papa. Assumiu o pontificado em 1362 e morreu em 1370.

Ele mostrava que só conseguia dar cinco passos a cada quinze minutos, às vezes, menos. Mas os fiéis não queriam perder a oportunidade de despedir-se do pontífice amado.

Na hora de pico, a fila chegou a medir cinco quilômetros de extensão. É certo que o evento midiático contribuiu, e muito, para multiplicar o fluxo de peregrinos que foram ao Vaticano. Se os meios de comunicação não existissem, o movimento seria o mesmo? Em parte não, já que a mídia tem um poder imenso de redimensionar qualquer fato, ampliando ou reduzindo segundo suas necessidades e seguindo a necessidade do público. (MESQUITA, 2007).

Roma não recordava em sua história tamanha mobilização. Tratava-se dos funerais do primeiro papa da era digital, o primeiro pontífice que doou sua imagem aos meios de comunicação. O que se via naqueles dias eram milhares de pessoas dormindo pelas ruas de Roma apenas sobre um colchonete e com um cobertor.

Se por um lado a mídia atraiu tal público, também seria correto acreditar que tal público tornou o evento uma sensação extraordinária, e isso atraiu mais ainda as atenções da mídia mundial.

1.1 O PAPADO

João Paulo II comandou a Igreja Católica por 26 anos, o terceiro maior pontificado da História. A caminhada do papa peregrino começou na tarde de 16 de novembro de 1978. Após dois dias de votações, o colégio cardinalício chegou a acordo sobre o nome do novo papa. Seguindo a tradição, um representante do grupo, o cardeal Pericle Felice, dirigiu-se à multidão reunida na Praça de São Pedro e disse, em latim, língua oficial da Igreja Católica: "Habemus papam".

A multidão respondeu com aplausos e em seguida silenciou, à espera do anúncio do nome do eleito. Mas quando o cardeal pronunciou o nome Karol Wojtyła, as pessoas continuaram quietas por alguns instantes, confusas, como se perguntassem: quem? O escolhido, um polonês, não era conhecido pela maioria dos católicos. (L'OSSERVATORE ROMANO, 2005).

Nas horas e dias seguintes, porém, emergiram da Polônia histórias de um homem que parecia ter passado toda vida preparando-se para aquela missão. No período de 32 anos, durante o qual fez a travessia entre a Cracóvia, onde se ordenou, e a Santa Sé, em Roma, poucos líderes religiosos de sua época destacaram-se como ele no trabalho pastoral, intelectual e político.

Após ser escolhido como 264º sucessor de São Pedro, quando era relativamente jovem, com 58 anos, João Paulo II, nome que ele mesmo havia escolhido, assumiu o papado com extraordinária tranquilidade, coragem, satisfação, bom humor, informalidade sem precedentes e a firme decisão de dirigir e remodelar a Igreja segundo seus critérios inflexíveis. Ao contrário de muitos papas anteriores, João Paulo II não revelou dúvidas, hesitação, modéstia (falsa ou de qualquer outro tipo) ou incertezas desde o momento de sua eleição como primeiro pontífice não italiano em 456 anos.

Seu governo à frente da Igreja ficou marcado por intensa atuação política, viagens aos cinco continentes, defesa da paz e dos direitos humanos e, para muitos, de conservadorismo moral. Fez campanha contra a Guerra Fria, aproximou a Igreja de outras religiões e culturas, desculpou-se pela Inquisição, defendeu as liberdades individuais, mas, seguindo suas convicções, condenou o uso de preservativos numa época que viu surgir a Aids.

Nenhum outro papa viajou tanto quanto João Paulo II. Foram mais de cem viagens a 130 países (nos quais visitou 604 cidades), levando sua mensagem a multidões nos cinco continentes. Por onde passou, arrebanhou milhões de pessoas, mobilizou governos, mesmo os contrários a sua presença, e se mostrou dono de carisma suficiente para reunir as massas aonde quer que fosse - e não apenas em países de maioria católica.

Em 552 dias de viagem, João Paulo II fez mais de 3.200 discursos e percorreu mais de um milhão de quilômetros, o equivalente a 28 vezes à volta ao mundo e cerca de três vezes a distância entre a Terra e a Lua, segundo dados oficiais do Vaticano, divulgados no site www.vatican.va. Ele foi, portanto, um Papa realmente universal. Em outra palavra, “católico”, isto é, para todos.

Em sua constante peregrinação pelo planeta - que não foi interrompida nem mesmo quando, enfermo, demonstrava repetidos sinais de cansaço - João Paulo II insistiu nos temas que lhe eram mais caros: a defesa da vida e da família, a condenação do que chamava de a "cultura da morte"³ (o aborto, os anticoncepcionais, a eutanásia, as drogas, entre outros temas) e a crítica aos regimes que cerceiam a liberdade religiosa e de pensamento. Posições que ele deixou claras já na primeira viagem, feita à República Dominicana, ao México e às Bahamas, de 25 de janeiro a 1º de fevereiro de 1979. Foi nessa viagem que apareceu um gesto inovador e posteriormente famoso: o de beijar o solo do país visitado - que inaugurou ao desembarcar em solo dominicano.

Mesmo acometido pelo mal de Parkinson, o pontífice pouco reduziu o ritmo de suas atividades e viagens e sempre procurou manifestar-se e deixar clara a posição do Vaticano em relação aos principais acontecimentos internacionais.

Somente o agravamento de seu estado de saúde, em fevereiro de 2005, parou o papa. Internado duas vezes, foi submetido a traqueostomia [intervenção cirúrgica para facilitar a respiração e praticamente perdeu a capacidade de falar. Na quinta-feira, 31 de março, seu estado foi declarado irreversível, provocando comoção no mundo. Seguidores de todos os credos rezaram por ele nos dias de seu maior sofrimento. (ÉPOCA, 2005).

³ Cultura de Morte – É uma cultura destruidora que propõe a morte como solução de uma série de problemas. Ex: aborto, eutanásia, guerras etc.

2 FALECIMENTO E VELÓRIO COMO EVENTO MIDIÁTICO

2.1 A COBERTURA DOS FUNERAIS

Paralelamente ao anúncio da morte na Praça de São Pedro, o porta-voz do Vaticano, Joaquin Navarro Valls, despachava para agências internacionais a notícia oficial: “O Santo Padre morreu esta noite às 21h37 em seu apartamento privado”.

Uma comoção serena rapidamente tomou conta da Cidade Eterna, clima transformado em pressa e agitação nas redações de todo o mundo. Na Rádio Vaticano, a notícia foi divulgada minutos antes do anúncio feito pelo arcebispo Leonardo Sandri aos fiéis e ao mundo por volta das 21h50, 13 minutos após a constatação oficial da morte. O jornalista baiano Raimundo Lima foi quem transmitiu a notícia para o Brasil. Os programas internacionais da Rádio do Papa receberam ordem de iniciar a transmissão de boletins de hora em hora, tendo em vista a crescente demanda por notícias.

Raimundo Lima conta que o programa brasileiro foi bombardeado com telefonemas de todas as regiões do Brasil. A equipe foi obrigada a dividir-se em três turnos. “O primeiro boletim de 30 minutos foi a ar às 5h da manhã do dia 3 de abril, e o último às 3h do dia seguinte. Ninguém dormiu naqueles dias”, disse ao autor, em encontro na Rádio Vaticano, um ano e meio depois.

A morte de João Paulo II rapidamente se transformou em um evento de comoção planetária, obscurecendo nas lentes da mídia as outras notícias do dia. O diário francês *Le Monde*, de 3 de abril, abria assim sua edição: “João Paulo II, uma herança sem fronteiras”. “O papa repousa na paz” mancheteava o diário italiano comunista *L'Unità*, que dedicou páginas e mais páginas à morte do papa polonês. “O mundo chora o papa”, publicava *La Stampa*, diário liberal de Turim. “Disse amém e depois se apagou”, trazia o jornal italiano de maior circulação, *Corriere della Sera*. O romano de centro esquerda e também de circulação nacional *La Repubblica* prestava sua última saudação ao papa: “Adeus Wojtyla”.

A notícia corria pelo mundo:

USA TODAY - *João Paulo II morre aos 84 anos*

Washingtonpost.com - *Morre o papa João Paulo II*

El Pais - O papa morreu

The New York Times – *Morre João Paulo II, a Igreja silencia e o mundo cala*

Bild – O papa João Paulo II está morto

Le Mond – *João Paulo II está morto, a Igreja católica em luto*

CNN.com – *Morre o papa João Paulo II*

Clarín – *Morreu o papa*

Os acontecimentos sociais não são objetos que se encontram em qualquer parte da realidade. Eles não existem a não ser na medida em que os meios de comunicação os façam existir. O acontecimento midiático envolve as redes de radiodifusão, a internet, os jornais e revistas com o objetivo de vender seus significados, para alcançar um nível maior de repercussão. Trata-se de um espetáculo que reúne diferentes imagens e relações sociais, em qualidade e quantidade de pessoas mensuradas pela grandeza da recepção, potencializadas pelas tecnologias da comunicação, possibilitando sua chegada imediata em várias partes do mundo. (TRIGUEIRO, 2005).

A notícia da morte do papa se espalhou em redes multimidiáticas envolvendo os grandes aparatos tecnológicos de produção e emissão das redes de televisão, jornais, revistas e sites do mundo, assim como nas redes cotidianas de comunicação operadas por lógicas noticiosas locais, pelos seus mediadores ativistas. (TRIGUEIRO, 2005).

Na Itália, o celular foi a forma escolhida para a comunicação entre os católicos. Um ouvinte ligou para uma rádio e propôs no ar: "Vamos enviar mensagens de texto para os telefones de nossos amigos, convidando-os para uma reunião de fiéis em frente à Basílica de São Pedro". Parece que a tática surtiu efeito.

2.2 A DIMENSÃO DO FENÔMENO MIDIÁTICO

De acordo com o “Global Language Monitor” (GLM),⁴ instituto internacional que faz a medição diária do que circula no grandes meios de comunicação eletrônicos e impressos, as 72 horas seguintes ao anúncio da morte do papa ocuparam o maior espaço midiático da História.

A morte de João Paulo II ocupou dez vezes mais espaço em jornais, revistas e internet do que a reeleição de George W. Bush, nos EUA, foi cinco vezes mais publicada que o tsunami na Ásia.

Cerca de 75 mil reportagens foram escritas sobre o assunto entre sábado à noite (dia 2) e o final de terça-feira (dia 5). O número de publicações é quase três vezes maior do que os atentados de 11 de Setembro de 2001 (Morte do Papa, 2005).

Todos esses números indicam uma cobertura sem precedentes da mídia mundial na morte do Papa João Paulo II, com 12 milhões de citações e 100 mil histórias (ou matérias). A palavra “histórica” esteve associada ao pontífice quase 3 milhões de vezes, enquanto “conservadora” apareceu 1 milhão setecentas e cinquenta mil vezes, e “amado” algumas 600 mil vezes após sua morte.

Recentemente, o mesmo GLM divulgou a posse do presidente americano Barack Obama como o maior assunto deste século até o momento. O comunicado diz terem sido publicadas 35 mil reportagens nos principais jornais, rádios e televisões do mundo em apenas um dia.

Guardando as diferenças, é importante explicar que o acontecimento “morte de João Paulo II” durou sete dias. Somente nos três primeiros dias foram realizadas 75 mil reportagens, 40 mil a mais.

O Global Language Monitor não fez registros dos demais dias, principalmente do dia 8 de abril, missa de corpo presente que reuniu o maior número de líderes mundiais em todos os tempos e atraiu a atenção da mídia e do mundo como nunca na História.

⁴ GLM - associação de lingüistas criada para identificar as tendências do uso das palavras e sua influência sobre a cultura, localizado em Danville, Califórnia, EUA.

O instituto ainda relata ter havido 6 milhões de menções ao nome Obama na internet. João Paulo II foi 12 milhões. Além do mais, o GLM não divulgou a audiência televisiva no dia da posse de Obama, o que impossibilita o confronto com o velório de João Paulo II.

Outro diferencial pode ser encontrado na duração das transmissões televisivas e no número de redes que as reproduziram. A posse de Obama durou cerca de três horas. Somente a rede americana CNN transmitiu as imagens do caixão do papa e da Praça de São Pedro, com reportagens especiais sobre João Paulo II, durante sete dias quase que 24 horas ininterruptamente.

O presidente do GLM, Paul JJ Payack, explica que para chegar a esses números, o GLM usa o Indicador Preditivo de Quantidade (PQI), que acompanha as palavras e frases especificadas na mídia eletrônica, na mídia impressa global e na internet. As palavras e frases são rastreadas em relação a sua frequência, uso contextual e aparecimento. Em outras palavras, a morte do papa eclipsou a morte de Ronald Reagan e da princesa Diana, o tsunami no Sul da Ásia, os atentados terroristas de 11 de setembro, copas do mundo, olimpíadas, a reeleição de Bush e a posse de Barack Obama, entre outros eventos que abalaram o mundo.

2.3 AS REAÇÕES PELO MUNDO AO ANÚNCIO DA MORTE

Após o anúncio oficial da morte do papa, no sábado à noite em Roma, a notícia uniu diferentes crenças, interrompeu disputas políticas e fez regimes esquecerem dogmas do passado. Logo no domingo, mensagens de pêsames chegavam de líderes de todas as partes do mundo. Não apenas de países católicos ou cristãos, mas de muçulmanos, hindus, budistas e, inclusive, comunistas. O governo chinês surpreendeu ao lamentar publicamente a morte do pontífice, e da Terra Santa as declarações de apreço ao papa vieram tanto dos judeus de Israel como dos muçulmanos da Palestina.

Na Granja do Torto, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lamentou a morte do Papa: “ele foi um operário como eu”. Lula estabeleceu luto oficial de sete dias no Brasil. Na segunda-feira, o líder comunista Fidel Castro participou de uma missa em homenagem a João Paulo II, a primeira vez em que ele foi à igreja desde que tomou o poder em Cuba, em 1959. Independentemente da sua posição política,

a maioria dos líderes que se pronunciaram conseguiu apontar um aspecto da vida do papa com que se identificava. As divergências com o pontífice foram deixadas de lado.

O presidente americano, George W. Bush fez um pronunciamento imediatamente após a morte do papa, na noite de sábado, elogiando a sua liderança moral. As críticas de João Paulo II à guerra no Iraque foram esquecidas. O presidente cubano também preferiu esquecer as críticas do papa ao seu regime, lembrando que o pontífice era um amigo de Cuba, principalmente por sua condenação do embargo econômico imposto pelos Estados Unidos. Hugo Chavez, presidente da Venezuela, lamentou a morte de João Paulo II, "um Papa muito humano, que deixou muitas doutrinas". Até o grupo fundamentalista islâmico Hamas expressou sua solidariedade com o mundo cristão "neste momento de perda", e as suas condolências a todos os palestinos católicos, disse Sami Abu Zuhri, porta-voz do grupo em Gaza.

Os presidentes da Rússia, do Irã, do Egito, das Filipinas, o líder tibetano Dalai Lama e a rainha britânica Elizabeth II foram alguns desses líderes. A lista de mensagens, dos ilustres signatários, em homenagem ao papa, parecia não ter fim, segundo reportagem de Rogério Simões, editor chefe da BBC Brasil, publicada em 8/4/2005.

2.4 ROMA INVADIDA POR PEREGRINOS

Em consequência dessa rápida difusão pelos meios de comunicação outro fenômeno começou a ser desencadeado: pessoas do mundo todo começaram a se dirigir a Roma, primeiramente e especialmente os europeus por estarem mais próximos. Para se ter uma idéia, a defesa civil italiana fez um balanço segundo o qual, de 2 a 8 de abril de 2005, quatro milhões de peregrinos chegaram a Roma. Para auxiliar toda essa gente, oito mil voluntários; 11.900 homens das forças armadas, dos quais 530 destacados para as fronteiras italianas e 8.963 em Roma, mil bombeiros, seis helicópteros, 400 soldados, 2.600 policiais municipais e sete mil funcionários das ferrovias do Estado.

Para transportar o mar de peregrinos foram disponibilizados mil trens especiais, além dos ordinários; outros seis trens especiais trouxeram e levaram cinco mil peregrinos à Polônia. No total, os trens transportaram 800 mil pessoas nesse período. E os números não param por aqui.

Mais de cinco mil ônibus de viagem, dos quais 1.200 internacionais, além de 100 ônibus colocados à disposição pelas forças armadas italianas. Foram distribuídos gratuitamente três milhões de garrafas de água e instalados 3.600 banheiros químicos na cidade, 21 postos avançados de saúde, que contavam com o auxílio de cem ambulâncias. Era essa a cidade que se preparava para o grande funeral marcado para a sexta-feira, dia 8. O falecimento do papa João Paulo II e as cerimônias e rituais fúnebres tornaram-se um fenômeno de mídia global. A missa de corpo presente pode ser considerada o ápice do acontecimento midiático. (MESQUITA, 2007).

2.5 AS MAIORES REDES DE TV DO PLANETA

De acordo com o arcebispo americano dom John Patrick Foley, presidente do Pontifício Conselho para as Comunicações, organismo do Vaticano, cerca de 110 países receberam as imagens ao vivo dos dias de funeral e da missa final, pelos principais canais públicos e privados de televisão como NBC, ABC, CBS, CNN, EWTN, RAI, Al-Jazira, Al-Arablyya e, no Brasil, a Rede Globo, a Bandeirantes, Cultura, Canção Nova e Rede Vida, entre outros canais, exibiram as imagens por mais de três horas ininterruptas da Praça São Pedro. Isto é, canais de referência de países católicos e não católicos fizeram a cobertura.

O coordenador técnico e administrativo do Centro Televisivo Vaticano (CTV), responsável pela geração das imagens para todas as redes de TV do mundo, Roberto Romulo, explicou que visando a iminente morte do pontífice, o CTV pôde se preparar bem para esse momento. Depoimento ao autor, em outubro de 2006, na sede do Centro Televisivo Vaticano:

Na prática nossa cobertura começou já no dia 1º de abril quando a multidão começou a chegar à Praça de São Pedro. Nesse dia já estávamos ao vivo ininterruptamente disponibilizando o sinal via satélite para todo o mundo. Difundimos essas imagens por todos os nossos canais através da RAI e Eurovision, conseguindo alimentar todas as grandes televisões, as grandes agências e as televisões católicas na Itália, na Europa e no mundo com quem mantemos relações.

Portanto, do dia 1º até o dia 11, início do conclave (eleição do novo papa), o CTV manteve gratuitamente e ininterruptamente disponíveis, via satélite, as imagens da Praça de São Pedro com tudo que acontecia nela simultaneamente. O coordenador técnico explica: “nós éramos o ponto de referência na geração de imagens para todo o mundo. Quando em Roma era noite, na América era dia, e em outras partes do mundo tínhamos horários diversos, por isso às imagens iam continuamente. Eu me lembro que a CNN transmitiu essas imagens dia e noite”, disse Rômulo.

Na Itália chamou a atenção o fato de na missa das exéquias, todas as emissoras, públicas e privadas terem transmitido a celebração. “Foi extraordinário! Uma experiência jamais vista! Fizemos uma estimativa e constatamos que dos mais de cem países que assistiram ao funeral, em muitos deles, mais de uma emissora transmitiu o evento contemporaneamente. Se calcularmos pelo número de emissoras, foram cerca de 250 em todo o mundo”, lembra o coordenador.

Além das maiores redes televisivas do mundo, da Europa, América e Oriente, a morte de João Paulo II também rompeu as fronteiras do continente asiático. A TV estatal NHK, principal canal japonês, que inclusive transmite para o Brasil, já havia se preparado meses antes para a cobertura da morte do pontífice romano. Quando sua morte foi anunciada oficialmente, o canal transmitiu a notícia ao vivo direto do Vaticano. O correspondente internacional Nikai Muneto, conta orgulhoso: “eram 5h da manhã no Japão e eu ancorei o boletim de notícias na televisão ao vivo”, disse ao autor, em entrevista via e.mail, em 10 de maio de 2009.

Durante os dias do funeral todos os principais noticiários da NHK, que são, de manhã, ao meio-dia, à noite e programas especiais de notícias transmitidos ao vivo, davam amplo destaque ao acontecimento. As notícias duravam de 5 a 20 minutos cada. Os japoneses faziam as transmissões via satélite graças a canais exclusivos reservados previamente.

Muneto revela que chefiava uma sucursal de sete pessoas. Ele, âncora das notícias; um repórter, um produtor pessoal, um cinegrafista, dois produtores externos e um técnico para as transmissões. A maior TV japonesa também transmitiu a missa de corpo presente. Não custa recordar que o Japão é um país budista. Além da TV estatal, o jornal *Asahi Shinbum*, no dia 8 de abril, noticiou ao vivo a cerimônia fúnebre de João Paulo II mencionando a presença inédita de George Bush e outros representantes religiosos do mundo oriental.

Em Portugal, país quase inteiramente católico, a morte de João Paulo II causou grande abalo nacional. A maior emissora televisiva do país, a SIC, fez a cobertura completa do enterro. Um dia após o sepultamento a emissora noticiava a manchete "Sinal do poder divino em João Paulo II". A imprensa portuguesa apresentou matérias que evocavam o pontífice em sua religiosidade católica.

No Oriente Médio, a morte do sumo pontífice não teve tanto impacto quanto no mundo ocidental, mas surpreendeu. Isto se deve ao fato que, nesta parte do mundo, a religião católica não tem muita expressividade e os problemas políticos e de segurança são mais relevantes. O pesquisador e médico israelense Yehoshua Maor acompanhou a cobertura oriental, comentando as diferenças entre as coberturas: "A mídia ocidental viu as coisas sob a ótica religiosa e política. Diferente da mídia oriental, que vê mais como política as relações internacionais". Informações contidas em artigo de Dayse Bezerra "Papa na língua da mídia".

Em Israel, onde predomina o judaísmo, houve no dia do enterro cobertura considerável por parte da imprensa. Um dos principais sites de Israel, o *Walla*, destacou o velório do papa, pelo fato da delegação americana ter ido ao Vaticano. Já o site *Jpost*, em inglês, lembrava que o grande rabino de Roma fazia bons comentários sobre o papa João Paulo II, que foi o primeiro papa a entrar em uma sinagoga judaica.

Na Turquia, de maioria islâmica, o site *Turkishpress*, deu grande destaque ao papa. Isto por duas causas: a proximidade da Turquia com a Itália e o interesse da mesma em ser parte da Comunidade Européia. Além do fato de Ali Agca, o homem que atirou no papa no início de 1980, ser turco e estar preso na Turquia.

Até na França, país que João Paulo II chamou de “primeira filha da Igreja”, mas que hoje tem população de maioria agnóstica e atéia, a morte de João Paulo causou impacto, claro, com muita polêmica. A primeira pelo fato da TV estatal France 2 dar amplo destaque à morte do papa inclusive dedicando todo o dia 3 de abril à cobertura. Alguns intelectuais chegaram a perguntar se o canal teria se transformado em Televaticano.

A segunda polêmica foi provocada pela presença de Jacques Chirac e do primeiro-ministro Jean-Pierre Raffarin na missa de domingo, 3 de abril, na catedral de Notre Dame, no dia seguinte à morte do papa. As bandeiras a meio-pau, o luto oficial decretado e a determinação feita pelo ministro do Interior a funcionários graduados para que comparecessem às missas em todo o país. Foram esses motivos de escândalo pela maioria dos intelectuais e jornalistas, inclusive porque lá, os presidentes sempre se recusaram a participar de cerimônias que misturem os poderes.

Literalmente, o mundo parou por algumas horas para assistir às cerimônias fúnebres do papa João Paulo II. Vinte e nove telões foram espalhados nos arredores do Vaticano para que os quatro ou cinco milhões de fiéis pudessem acompanhar tudo com detalhes. Era aproximadamente a metade da população de Portugal nas ruas da cidade eterna, uma Roma que invadia a outra, pois a atual população romana é de quatro milhões de habitantes.

Muito além de “acontecimento”, a morte e as cerimônias fúnebres do papa João Paulo II enquadram-se no que o pesquisador e documentarista Bráulio Britto Neves denomina “evento midiático”. O autor parte da definição dos termos *ocorrência* e *acontecimento* para, em seguida, caracterizar o que ele denomina “evento”. A ocorrência é o *happening* (ou fenômeno), que inicialmente é acessível apenas à experiência local dos sujeitos envolvidos. O acontecimento é o relato público da ocorrência. Já o evento ou acontecimento reflexivo é configurado quando os discursos públicos ultrapassam a função meramente descritiva de representação das ocorrências, interpretando-as de maneira reflexiva. (BRITTO NEVES, 2000).

A morte do Papa, segundo citação sua no artigo “estudo dos critérios de noticiabilidade do jornal *Folha de São Paulo*”, de Luiz Filipe Ciribelli Borges,

configura-se como “evento midiático” em milhares de meios de comunicação de vários países do mundo, inclusive no Brasil. Alguns dos principais meios de comunicação brasileiros (impressos, televisivos, radiofônicos) como os jornais *O Estado de São Paulo*, *O Globo*, *Folha de São Paulo* e emissoras como *TV Globo*, *TV Bandeirantes*, *Rede Vida*, *Cultura e Canção Nova* apresentam-se neste caso como atores-mediadores, co-responsáveis por tal fenômeno.

Outras fontes: *Folha de S.Paulo*, *O Estado de S.Paulo*, *O Globo*. De 3 a 9 de abril de 2005.

3 O DIA EM QUE O MUNDO PAROU DIANTE DO PAPA MORTO

Às 10h da manhã em Roma, 5h da manhã em Brasília, do dia 8 de abril, teve início à cerimônia oficial do funeral de João Paulo II na Praça de São Pedro.⁵ O corpo do papa, colocado num caixão de madeira, cipreste comum, posto sobre um tapete, ficou exposto durante toda a cerimônia no altar central da Praça de São Pedro, voltado para o povo.

São quatro milhões de peregrinos espalhados pelas ruas de Roma, que acompanham através de telões gigantes. Muitos deles tiveram o privilégio de ver, naqueles dias, o corpo exposto do Papa, depois de aguardarem em filas cuja espera chegou a 13 horas. O corpo de João Paulo II esteve exposto para visitação por quatro dias em câmara ardente na Basílica de São Pedro. As portas da Basílica ficaram abertas desde a segunda-feira, dia 4 até a quinta-feira, dia 8, até às 22h locais.

A cidade de Roma⁶ foi fechada desde a sua grande circular até ao centro, para poder deixar o espaço livre   circula o dos quatro milhões de pessoas que foram   cerimônia. As autoridades locais prepararam um dispositivo de segurança sem precedentes. A ordem pública e a segurança das personalidades presentes nas exéquias contou com 6.500 policiais. Só para os chefes de estado foram disponibilizados 1.500 elementos das unidades especiais da polícia e dos carabineiros romanos. O espaço aéreo italiano foi totalmente interditado, protegido por caças e helicópteros e vigiado por um avião da Organiza o do Tratado Atlântico Norte (OTAN). Uma estrutura de mísseis antiaéreos foi montada a noroeste da Basílica de São Pedro.

S  na Praça de São Pedro estavam quase 1.500 agentes, entre os quais 120   paisana, espalhados entre a multidão. Mais de mil agentes cercaram a Praça e três mil ajudaram nas zonas adjacentes. Além disso, militares e agentes

⁵ **Praça de São Pedro** - situa-se em frente   Basílica de São Pedro, no Vaticano. Foi desenhada por Bernini no século XVII em estilo clássico, mas com adi oes do barroco.

⁶ **Roma** - é a cidade capital da Itália conhecida internacionalmente como "A Cidade Eterna" pela sua história milenar. Segundo o mito romano, a cidade foi fundada no ano 753 a.C. -data convencional- por Rômulo e Remo, dois irmãos criados por uma loba, que são atualmente símbolos da cidade.

motorizados, bombeiros e centenas de elementos da proteção civil, médicos e voluntários ajudaram a organizar a multidão e a manter a segurança.

A Guarda de Finanças agiu com rapidez e fez inspeções ao comércio identificando e evitando casos de abuso dos comerciantes que chegaram a triplicar seus preços. A capital italiana, totalmente congestionada pela presença dos milhões de peregrinos de todo o mundo, ficou paralisada totalmente durante 16 horas. Entre as 2h da manhã, do dia 8, até às 18h foi impossível circular com carros privados em toda a cidade.

A Igreja Católica e o mundo, representado por chefes de Estado e de Governo e por líderes de outras confissões religiosas, despediu-se de Karol Wojtyła numa cerimônia que durou três horas, duas horas e meia para a missa, mais meia hora para o sepultamento, celebradas sobretudo em latim e italiano, mas com leituras bíblicas e orações também em polonês, português, francês, inglês, alemão, espanhol e filipino.

Estiveram presentes cerca de 600 cardeais, bispos e padres; 15 reis, rainhas, príncipes e grão-duques, 44 presidentes, 25 primeiros-ministros, 14 líderes religiosos, além de outras cinco mil personalidades importantes (embaixadores, ex-governantes e outros convidados ilustres).

3.1 INIMIGOS HISTÓRICOS LADO A LADO

Diante de tantas autoridades o Vaticano teve que fazer divisão por ordem alfabética, em francês, língua diplomática, dos espaços da Praça de São Pedro. Isso proporcionou encontros inusitados entre líderes internacionais rivais. O presidente dos EUA, George W. Bush, e o da França, Jacques Chirac, que discordaram a respeito da Guerra do Iraque, estavam separados apenas pelas suas mulheres.

Pouco distante estava o presidente iraniano, Mohammad Khatami, que cumprimentou o presidente sírio, Bashar al Assad, antes de se sentar. Os EUA classificaram os países dos dois líderes de "império da tirania".

Durante o funeral, o presidente israelense, Moshe Katsav, apertou a mão dos líderes arquiinimigos, Síria e Irã. "Durante as orações, de acordo com a tradição cristã, nós apertamos as mãos... confessou o israelense apressando logo a explicação: "foi o presidente sírio quem estendeu sua mão para mim e nós novamente apertamos as mãos", disse Katsav, segundo reportagem da Folha online de 8/4/2005. Katsav também falou brevemente com Khatami e há relatos de que beijou o presidente argelino, Abdelaziz Bouteflika. Israel não mantém relações com nenhum desses países.

Da Europa, Jaques Chirac, presidente francês; o chanceler alemão Gerhard Schröder; o primeiro-ministro britânico Tony Blair e o príncipe Carlos; os reis da Bélgica, os soberanos do Liechtenstein, uma grande delegação polonesa liderada pelo presidente Aleksandr Kwasniewski e pelo ex-presidente Lech Walesa. Portugal foi representado pelo presidente da República, Jorge Sampaio. José Luiz Zapatero, o líder da oposição Mariano Rajoy e o rei Juan Carlos e a rainha Sofia estiveram presentes em nome da Espanha. A União Europeia enviou delegação integrada pelo presidente Durão Barroso, três comissários, o presidente do Parlamento Europeu, Josep Borrell, e o presidente em exercício da EU, Jean-Claude Juncker. Kofi Anan, secretário-geral da ONU, e Jaap de Hoop Scheffer, secretário-geral da OTAN, também estiveram presentes.

Da Ásia, Gloria Macapagal Arroyo, presidente da Filipinas; o presidente da Síria, Bashar al Assad; representantes israelitas e palestinos também não faltaram, bem como o secretário-geral da Liga Árabe. Além de Mohammad Khatami, presidente do Irã, país tido pelos EUA como membro do "eixo do mal". O presidente do Zimbábue, Robert Mugabe, desafiou as sanções europeias que o impediam de viajar à Europa e também esteve no funeral.

Da América, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, do Brasil, viajou acompanhado da primeira-dama, Marisa Letícia, dos presidentes da Câmara de Deputados e do Senado, Severino Cavalcante e Renan Calheiros, respectivamente, e de três ex-presidentes, José Sarney, Itamar Franco e Fernando Henrique.

George W. Bush, presidente dos Estados Unidos e os ex-presidentes George Bush e Bill Clinton, estiveram lado a lado. Bush foi, aliás, o primeiro

presidente norte-americano a assistir às exéquias fúnebres de um papa. O presidente do México, Vicente Fox e o primeiro ministro do Canadá, Jean Chrétien, também estiveram presentes.

A China foi a grande ausente devido à presença em Roma do presidente de Taiwan, Chen Shui-bian. Além do mais, na China, a Igreja Católica é fortemente perseguida e controlada pelo regime comunista. Por esse motivo, nenhuma notícia sobre o papa foi publicada e a missa fúnebre não pôde ser transmitida pela televisão. Outros ausentes foram a realeza da Holanda, o presidente de Cuba Fidel Castro, o presidente russo Vladimir Putin, Mikhail Gorbatchov e o patriarca russo-ortodoxo Alexis II. Mas, entre os líderes religiosos uma surpresa, a presença do chefe da diplomacia da Igreja Ortodoxa Russa, instituição que impediu a visita de João Paulo II àquele país.

O doutor em comunicação, jornalista e professor da Universidade Gregoriana de Roma, Silvonei Protz, conta que jamais o mundo viu reunidos, num mesmo lugar, como naquele dia, mais de 220 líderes mundiais, os maiores representantes tanto religiosos, quanto políticos da terra.

Pessoas até inimigas desde sempre, a poucos metros. Nem mesmo a ONU, que é o lugar em que os líderes mundiais se reúnem, conseguiu um feito tão grande, como a morte de João Paulo II. Colocar lado a lado, em metros quadrados, tantos líderes mundiais e inimigos históricos, só aquele grande papa.

A cerimônia começou pontualmente. A multidão assistiu em silêncio à cerimônia e em várias ocasiões aclamou o pontífice, com o grito de "Bravo!" de "João Paulo" (em italiano, na maior parte), e aplaudiu muito. Em outras ocasiões um coro se formou podendo-se ouvir "Santo Já... Santo Já... Santo Já..." em alusão a uma futura canonização.

Na Europa, a Polônia, terra natal de João Paulo II, foi o ponto central das orações, tendo sido disparados 26 tiros de canhão, mesmo número de anos de pontificado, no início do cortejo fúnebre.

Pontualmente, às 10h da manhã, os sinos de todas as igrejas e as sirenes tocaram assinalando o início das cerimônias fúnebres do papa. Todos os estabelecimentos públicos, empresas, escolas e estabelecimentos estiveram

fechados durante todo o dia e, em Varsóvia, os automóveis e todo tipo de instrumentos elétricos pararam durante alguns minutos no momento que a cerimônia começou.

Cerca de 800 mil pessoas juntaram-se para rezar e seguir o ritual funeral através de telões gigantes, na praça de Cracóvia onde, em agosto de 2002, João Paulo II celebrou uma das mais participadas missas das suas visitas à Polônia.

Em algumas cidades da Europa, durante a transmissão ao vivo da missa fúnebre, as ruas ficaram vazias, algumas lojas baixaram as suas portas para que a população pudesse assistir à cerimônia em casa ou nos telões em espaços públicos.

O sepultamento propriamente dito, na cripta subterrânea dentro da Basílica de São Pedro, não pôde ser registrado por nenhum aparato técnico, e foi reservado apenas à cúpula da Igreja e pessoas mais próximas do pontífice. Nenhum acontecimento até então, século XX, mobilizou tantas autoridades, grupos de pessoas, mídia e segmentos da sociedade de diversas nacionalidades e ideologias, quanto a morte e o funeral do papa João Paulo II. No dia seguinte ao sepultamento do papa, os principais jornais, revistas e sites de várias partes do mundo, destacavam a magnitude do evento:

The Guardian (Reino Unido) - O papa descansa

The Independent (Reino Unido) - Milhões de luto pelo papa no maior funeral da história

The New York Times (EUA) - Termina funeral de João Paulo II no Vaticano⁷

The Washington Post (EUA) - A vida de João Paulo II é celebrada

Corriere Della Sera (Itália) - Santo, santo: o abraço da multidão

La Repubblica (Itália) - O funeral do papa; o mundo ferido

El Pais (Espanha) - O último adeus ao papa

El Mundo (Espanha) - Histórico adeus ao papa

The Daily Telegraph (Austrália) - Especial: a morte do papa

El Informador (México) - João Paulo II considerou renunciar

⁷ Vaticano - é uma cidade-estado independente do mundo. Deve a sua existência ao fato de ser a residência oficial do Papa e de ser a sede da Igreja Católica. A maior, mais conhecida e mais numerosa dentre todas as Igrejas.

Correio da Manhã (Portugal) - O último adeus a João Paulo II
 Clarin (Argentina) - Uma multidão acompanhou o funeral de João Paulo
 Correio Braziliense (Brasil) - "O dia que o senhor da guerra se curvou
 diante do peregrino da paz".

3.2 O NÚMERO RECORDE DE JORNALISTAS

O arcebispo americano dom John Patrick Foley responsável pelas comunicações do Vaticano, relata que para Igreja foi um tempo extraordinário, pois, somente o Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais, credenciou 4.843 correspondentes de televisão e rádios, além de fotógrafos. Já a sala de imprensa da Santa Sé, credenciou cerca de 6.000 jornalistas. O Vaticano havia se programado para receber entre 2.500 a 3.000 mil jornalistas. O apelo midiático foi tão grande que uma segunda sala de imprensa foi montada.

Mas, claro, o problema com fotógrafos e correspondentes de TV é que você precisa encontrar lugares para cada um dos aparelhos. Então, tínhamos que acompanhá-los para encontrar locais, dividir o tempo, manter lugares, para que pudesse haver uma rotatividade. Foi uma tarefa muito complicada.

lembra dom Foley, em depoimento ao autor, na manhã de 28 de outubro de 2006, na sede do Pontifício Conselho para as Comunicações do Vaticano. "Foi estimado, creio que de uma forma realista, que 2 bilhões de pessoas viram o funeral do Papa João Paulo II. Portanto, um terço da população mundial. Foi um momento extraordinário", comenta.

Nos dias seguintes, uma audiência um pouco menor viu a eleição de Bento XVI. Mas, ainda assim, um grande público. Mais de cem redes de televisão e cerca de 80 países. "Foi um tempo memorável, o mês de abril de 2005", relembra.

Uma das maiores dificuldades enfrentados pelo setor de comunicação do Vaticano foi oferecer o melhor local com visibilidade privilegiada para as âncoras de televisões do mundo todo e fotógrafos. Para isso um acordo feito com a prefeitura de Roma, União Européia de Transmissão (EUROVISION) e com a RAI (Rede Estatal Italiana), permitiu montar um estande em que houvesse espaço para cerca de vinte e quatro redes de TV. No final da Via della Conciliazione, a rua que leva à Praça São Pedro, havia outra série de estandes voltados para a Basílica vaticana.

Apesar dessa estrutura oferecida, muitas redes tinham locais nos montes circundantes, especialmente na Universidade Urbaniana, que tem visão privilegiada da praça; além dos telhados de conventos e hotéis ao redor do Vaticano. Algumas emissoras de TV chegaram a pagar por esses espaços, nos telhados próximos ao Vaticano. O preço de uma área com boa visibilidade chegava aos 700 mil reais.

Nós também tínhamos trabalhado para organizar locais para comentaristas de diferentes redes de TV. Já havíamos organizado uma boa estrutura para o Jubileu do ano 2000. Dessa vez montamos 60 locais para comentaristas em um dos prédios na saída da Basílica, o Braço de Carlos Magno, como é chamado, que fica à esquerda da Basílica de São Pedro. Tínhamos algo como uma tribuna para cada comentarista com sua própria mesa, um monitor de televisão e um microfone. 58 deles foram usados durante os eventos (FOLEY).

O Vaticano ainda reforçou o terraço acima da colunata, à esquerda da Basílica. Colocou plataformas para acomodar fotógrafos e câmeras de TV. O arcebispo conta que tudo foi quase tão bem quanto possa ser imaginado.

Para os romanos, foi uma volta ao passado, como se Roma voltasse a ser novamente o centro do mundo.

4 A COBERTURA EM DOIS GRANDES JORNAIS BRASILEIROS

4.1 O ESTADO DE SÃO PAULO: depoimento do jornalista José Maria Mayrink, por e.mail, ao autor, em 28/04/2009

O Estado de São Paulo fez uma das coberturas mais marcantes de toda a sua história. O jornalista designado para coordenar a cobertura da morte de João Paulo II foi José Maria Mayrink,⁸ especialista em temas religiosos. Ele confessa que na manhã do domingo, 3 de abril, o Estado já trazia um caderno especial sobre a morte do papa que já vinha sendo preparado há quatro anos. Correspondentes internacionais, jornalistas especializados em religião e em história da Igreja, vaticanistas e repórteres locais levantaram histórias da vida de João Paulo II, analisaram a linha de seu pontificado, lembraram suas viagens pelo mundo inteiro e já apresentava inclusive nomes dos papabili, os cardeais cotados para a sucessão. A edição incluiu fotos de arquivo e infográficos. Previsto para 12 páginas, o caderno saiu com 24 páginas.

O espaço variava de algumas colunas a uma ou mais páginas na semana anterior à morte do papa. Nos dias seguintes, o Estadão continuou dedicando um caderno especial ao velório, exéquias, preparativos do conclave e eleição de Bento XVI. A cobertura foi extensa até o começo de maio, com noticiário sobre as primeiras celebrações e primeiros pronunciamentos do novo papa.

Nos dias 2 e 3 de abril o Estado disponibilizou toda a equipe da Editoria Vida &, Geral, cerca de 25 pessoas entre editores e repórteres, para reforçar a equipe da editoria Internacional.

Na etapa anterior, ao longo dos quatro anos, coordenei a edição do caderno especial com ajuda de vários colegas. Os departamentos de Arte e de Fotografia trabalharam com destaque em todas as fases da cobertura, mas principalmente na edição do caderno especial de 3 de abril", conta o jornalista.

Mayrink deixa a modéstia à parte e afirma que a cobertura do Estadão foi a melhor da imprensa brasileira, sem desmerecer o trabalho dos concorrentes.

⁸ José Maria Mayrink - Mayrink começou no jornalismo em 1962. Trabalhou no Correio da Manhã, Jornal do Brasil, Jornal da Tarde, Revista Família Cristã, O Estado de S. Paulo - onde hoje, é um dos editores executivos.

Nosso material foi reproduzido por assinantes da Agência Estado em todo o país. Os leitores escreveram cartas, mandaram e-mails, telefonaram, elogiando o material e eventualmente fazendo alguns reparos. É possível que alguns tenham considerado que a cobertura foi exagerada, mas não por motivos jornalísticos.

Nos cadernos dedicados à morte de João Paulo II, o jornal destacou a história fascinante de Karol Wojtyła e a linha de seu pontificado. Destacou também as três viagens que o papa fez ao Brasil.

4.2 A FOLHA DE SÃO PAULO

A Folha de S.Paulo enviou para Roma repórteres do primeiro escalão como Clóvis Rossi e Ricardo Feltrin, que produziram uma série de reportagens diariamente. No Brasil, repórteres de algumas capitais e cidades do interior repercutiam cotidianamente o tema entre religiosos e personalidades nacionais.

A edição do domingo dia 3 de abril de 2005, data em que a *Folha de S.Paulo* noticiou a morte de João Paulo II, dedicou 14 páginas e meia ao assunto. Segundo o jornalista Marcelo Beraba, em artigo publicado pelo Observatório da Imprensa de 10/04/2005, do dia em que o jornal noticiou o falecimento de João Paulo II até o dia em que foi noticiado o sepultamento, o assunto foi destaque na primeira página da *Folha de S.Paulo*, que possui sete cadernos diários e 13 suplementos. No dia em que foi noticiado o falecimento de João Paulo II, a Folha publicou um caderno *Folha Mundo Especial*, com um total de 16 páginas, todo ele dedicado ao acontecimento. No caderno foram publicados apenas três anúncios, sendo um de página inteira. Nesse dia o jornal publicou uma série de reportagens e artigos analíticos, fez um resumo sobre os acontecimentos que marcaram o Vaticano e o mundo em 26 anos de pontificado, trouxe informações sobre a possível data do sepultamento e repercutiu o acontecimento entre religiosos brasileiros.

Consultando o site da *Folha de S.Paulo* descobrimos que do dia 3 de abril ao dia 9 de abril de 2005, o jornal publicou cerca de 190 textos relacionados ao evento, uma média de 27 textos por dia. Só no primeiro dia foram publicados cerca de 35 textos. A *Folha* também deu grande destaque fotográfico ao evento. Durante os sete dias de cobertura, objeto deste trabalho, o jornal publicou no caderno *Folha Mundo* mais de 70 imagens de João Paulo II, sejam elas fotografias de agências noticiosas, estátuas, capas de livros onde estão inscritas a figura do papa. Além

disso, inúmeras fotografias de fiéis espalhados pelo mundo, de multidões aglomeradas para dar o adeus particular ao papa, de personalidades mundiais, também foram publicadas.

Beraba explica que a *Folha* pretendeu cobrir o evento daquela maneira e como toda escolha, a escolha feita pelo jornal privilegia elementos em detrimento de outros. Ao oferecer grande destaque à morte do papa, a *Folha* deixou de lado ou diminuiu a publicação de outras notícias que potencialmente poderiam ser de interesse dos seus leitores.

A jornalista Deyse Bezerra escreveu no site “canaldaimprensa.com.br”, sem data mencionada, que o mundo acompanhou cada momento do maior enterro da história moderna. “A imprensa mundial teve literalmente o *papa na língua*”, afirmou. Para ela o evento teve tamanha proporção porque além de atrair pessoas dos quatro cantos do mundo para as ruas de Roma, conseguiu mobilizar desde a gigante emissora de TV americana ABC, até os árabes do canal Al-Jazeera. “Cada veículo de comunicação noticiou o acontecimento, alguns com mais ênfase, outros simplesmente noticiou sem muitos destaques”, concluiu.

5 OPINIÕES E DEPOIMENTOS SOBRE ACOBERTURA DA MORTE DE JOÃO PAULO II

A cobertura do falecimento do papa feita pela mídia do mundo todo, objeto deste trabalho demonstra a importância jornalística que o “evento” teve.

Este capítulo está repleto de opiniões e reflexões de diversas personalidades do mundo midiático e especialistas em religião sobre o fenômeno provocado com a morte de João Paulo II. O desafio é explicar por que o líder espiritual da principal religião do ocidente atraiu tanto a atenção do mundo. Quem foi esse homem, capaz de fazer o mundo parar aos seus pés depois de morto?

Philip Pullella, jornalista da Agência de Notícias Reuters, escreveu um artigo no dia 2/4/2005, às 17h44, uma hora depois de seu falecimento, no qual chama João Paulo II de “o gigante de uma era”. E acrescenta que ele foi o líder religioso mais importante e talvez a pessoa mais conhecida do mundo.

Áureo Ameno, que foi redator do Repórter Esso (1961 a 1966), atuou na BBC de Londres, redator da agência United Press e trabalhou em diversas emissoras de rádio, destacando-se na Rádio Globo do Rio de Janeiro (como chefe de jornalismo), foi professor de Comunicação na Universidade Gama Filho e é Doutor em Direito Penal, analisa a grande cobertura da morte do Papa afirmando que um evento só é midiático pelas pessoas envolvidas nele, pela importância do cargo exercido pela pessoa, sua repercussão pública ou pela sua proximidade. Para ele, João Paulo II aglutinava todos esses fatores. “Tinha história antes de chegar ao Vaticano, passou a exercer cargo importante, tudo o que fazia tinha grande repercussão, foi uma pessoa inusitada para os padrões da sociedade e estava sempre próximo das pessoas”, acredita.

Diz ainda que sua presença nos principais acontecimentos mundiais, mais de 26 anos de papado; sua defesa dos direitos humanos, dos mais humildes; sua vitalidade, sua figura doce, abraçado ao homem que tentou matá-lo, a quem perdoou publicamente, o tornaram um dos maiores homens que a terra já conheceu.

Se, em toda a história da humanidade, um papa sempre foi notícia, João Paulo II acabou se transformando numa notícia viva, que transcende o tempo e ainda hoje está presente em todo o mundo. Por isso não é de se estranhar que este homem tenha tido tanta mídia, mesmo porque ele soube, como poucos, aproveitar os meios de comunicação para levar a sua fé e o seu afeto a todos os povos do planeta. (AMENO).

João Paulo II era uma presença viva nas praças, ruas, favelas e salões do mundo. Capaz de gestos inesperados como tirar o seu anel e entregando-a á gente humilde de uma favela. Para Áureo, sua sinceridade e simplicidade ao dizer que se Deus é brasileiro, o papa é carioca; sua importância como líder religioso, sábio, sociólogo, humanista e santo teria que transformá-lo num dos maiores nomes da mídia mundial.

Para muitos acompanhar tudo que a imprensa mostrava sobre o papa morto era ter sempre a expectativa de ouvir algo novo de alguém sobre os feitos de um homem que era tido como a maior autoridade moral do planeta. Para Silvonei Protz, ele foi um homem que soube se comunicar com todos: líderes políticos, líderes religiosos e pessoas de todas as esferas. Um homem que falou de paz,enfrentou governantes autoritários e partidários da violência e do uso da força para se manterem no poder, insistiu no relacionamento entre as nações. Um homem que jamais quis a divisão das civilizações, jamais quis a divisão das religiões. Um homem que insistiu no diálogo.

Ironicamente, muitos daqueles que foram exortados e combatidos por ele estavam em seu velório: George W. Busch, Tony Blair, Jaques Chirac e outros.

Nós tivemos aqui, por exemplo, os mulçumanos, os hinduistas, os budistas, os judeus, por quê? Não só porque era um acontecimento midiático, mas porque era o reconhecimento de um trabalho feito por um homem nos últimos 27 anos, e que sem dúvida nenhuma mudou a geografia do mundo; mudou a maneira do homem pensar no relacionamento das nações e entre raças. E isso se viu concretamente no seu funeral na Praça de São Pedro. Daí se entende a cobiça da grande imprensa mundial por estar presente naquele acontecimento. (PROTZ).

5.1 A FRANÇA QUE NÃO DIZ AMÉM

Em 11 de abril de 2005, a jornalista brasileira Leneide Duarte-Plon, publicou um artigo, no Observatório da Imprensa, revelando como a França tinha se dobrado ao pontífice romano. Segundo ela, no país religião é assunto exclusivo da esfera privada, quase um tabu. Os católicos sentem-se

discriminados, considerados cafonas por declararem sua fé, quando a maioria das pessoas parece viver totalmente distante da religião.

Nesse contexto de laicidade exacerbada e reivindicada, escreve ela, não é de admirar o acalorado debate sobre a cobertura que a mídia francesa fez da morte do papa João Paulo II. O tempo dedicado à agonia e morte de João Paulo II em todos os jornais televisados, sobretudo nas redes públicas, foi considerado excessivo.

Os "libres penseurs" ⁹(livres pensadores) franceses, que controlam com rigor a separação entre Igreja e Estado, acharam também um escândalo tanta reverência das autoridades e das emissoras públicas ao papa que, segundo eles, deve ser reconhecido apenas como líder espiritual dos católicos.

Duarte-Plon conta que choveram e-mails nas redações dos jornais de esquerda, como Le Monde, Libération, L'Humanité e Le Canard Enchaîné, leitura obrigatória dos intelectuais "livres pensadores". Um leitor internauta escreveu ao Libération para protestar contra a "overdose midiática".

O vaticanista Vittorio Messori, autor de *best-sellers*, com milhões de exemplares vendidos em todo o mundo, único autor a publicar um livro-entrevista com o papa João Paulo II, cujo tema é "Cruzando o limiar da esperança" vendendo mais de 20 milhões de exemplares traduzidos em 53 idiomas, confessa que a morte João Paulo Ihe causou um sentimento de orfandade, pois nos últimos 27 anos o papa preencheu sua profissão de jornalista.

Sobre a atenção que o mundo deu a sua morte, Messori diz que era um dever do mundo, porque no fundo João Paulo II e seu pontificado deram realmente sinais muitos fortes à sociedade. Sinais que são reconhecidos: a atenção para com os pobres, a atenção com a justiça, a atenção ao bem comum e à paz. "O quanto ele se desgastou, por exemplo, para impedir os conflitos, o quanto teve iniciativas para combater as guerras".

⁹ **Libres Penseurs** - são os intelectuais franceses que controlam com rigor a separação entre Igreja e Estado.

Lembra o que para ele foi um marco do pontificado de João Paulo II:

Aquela sua viagem à Terra Santa, ano 2000, que sinal! Que sinal deu para o mundo! Atenção ao povo de Israel que vive numa cidade ameaçada, atenção aos palestinos, que tanto enfrentam uma situação difícil, enfim tudo isso como mensagem, que o papa propunha dia após dia.

Messori propõe:

Basta ouvir pelas ruas as pessoas mais simples, seguramente se recordam de algum gesto do papa, de algum apelo em favor da justiça, da paz, da liberdade. Por isso era um dever do mundo para com o papa, mas era também um dever do mundo da comunicação para com as pessoas. Eu acho que esse era o elemento mais importante.

O vaticanista entende que o mundo da comunicação cresceu com João Paulo II. O mundo seguia tudo aquilo que ele fazia diariamente.

Se por um lado crescia a nossa atenção, por outro lado, as pessoas nos cobravam maior atenção a respeito do papa. Isso explica porque televisões como a nossa italiana, mas não só a nossa, TVs de todo o mundo, quiseram acompanhar minuto por minuto os últimos dias do papa Wojtyła.

Messori, que também entrevistou o cardeal Joseph Ratzinger, antes de chegar a ser papa, analisa que cada passo, cada gesto em público de João Paulo II estavam sob os refletores da mídia, das câmeras e dos flashes dos fotógrafos. Inevitavelmente por esse motivo, seu pontificado tinha se tornado gerido pelos meios de comunicação. Com a sua internação no início de fevereiro e até a sua morte a atenção midiática teria chegado ao ápice.

Todos devem lembrar aquela pequena praça em frente ao hospital (Agostino Gemelli), repleta de trabalhadores da imprensa, de equipamentos montados, carros de transmissão que levavam as informações para cada ângulo do mundo. E isso acontecia porque o povo queria ter notícias desse papa. Isto é, era quase uma troca entre os homens da comunicação e as pessoas. Ter notícias desse papa era mais que uma exigência editorial, era uma exigência que o próprio povo fazia, uma necessidade de saber as condições de quase um parente, um amigo, um pessoa querida. E é por isso que a atenção só cresceu até o dia em que anunciamos a morte do papa Wojtyła.

Considerando a adversidade à fé cristã, existente no mundo árabe, pode-se dizer que o papa despertou um fenômeno de comunicação em nível planetário: as duas principais televisões do mundo árabe – Al-Jazira e Al-Arabiya – cobriram sua agonia e morte sem interrupção, tal qual as emissoras do mundo ocidental cristão.

Para o filósofo Michel Guérin, autor de Piedade, apologia atéia da religião cristã, em artigo publicado no Observatório da Imprensa de 11/4/2005, esse fenômeno se explica pelo fato de João Paulo II ter globalizado a Igreja Católica, corrido o risco da rapidez, da comunicação, da transparência e da celebridade. Ele chama esse fenômeno de "idolatria kitsch".

A mesma opinião é compartilhada pelo jornalista Silvonei Protz (2006), que cobriu o evento para a Rádio Vaticano.

A gente viu aqui o mundo reunido em torno de um homem, essa é a coisa mais importante. Não era só um homem político, um homem religioso, mas um homem simples, um homem do povo. Nós vimos aquele mar de pessoas que caminhava em direção à Praça de São Pedro e que não eram pessoas crentes. Muitas se declaravam inclusive atéias e quando perguntadas por que tinham vindo diziam: eu não estou aqui por causa de Deus, mas por causa de João Paulo II. Quer dizer, através da sua pessoa, do seu trabalho, da sua grandiosidade, ele fez essa integração.

Quanto à presença de emissoras árabes na cobertura, o jornalista da Rádio Vaticano comenta que realmente foi uma coisa inédita e muito significativa. “A Aljazeera, televisão do Catar, é uma espécie de CNN do mundo árabe. Isso seria impensável há alguns anos: uma emissora mulçumana, transmitindo direto do Vaticano, quase 24 horas por dia, inclusive parte de uma santa missa!!”

5.2 DEPOIMENTO DE UMA JORNALISTA EM CAMPO

Ilze Scamparini, correspondente internacional da TV Globo nos EUA e agora na Itália, em depoimento ao autor um ano e meio depois da morte do papa, disse que já estava há seis anos em Roma quando o papa morreu. Ela confessou que há muito tempo vinha se preparando para quando essa passagem acontecesse. Foi ela a fonte de informação precisa para a TV Globo fazer a cobertura jornalística que posteriormente seria premiada no Brasil, com o Prêmio Margarida de Prata,¹⁰ da CNBB, como a melhor cobertura da mídia nacional.

Ela concorda que foi a maior cobertura de todas as décadas. “Eu vi muito jornalista enlouquecido, uma multidão de pessoas gritando, Roma toda invadida por

¹⁰ **Prêmio Margarida de Prata** – Prêmio Margarida de Prata – Criado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) para destacar trabalhos no campo da arte, cultura e comunicação que apresentam valores humanos, éticos e espirituais.

caminhões. A imagem de Roma era curiosa porque só se viam terraços com câmeras para todos os lados e, depois, três milhões de pessoas! Era realmente uma imagem inusitada, eu nunca tinha visto isso aqui. Foi uma experiência única”, conta.

Em vários países, críticos da cobertura acusaram a mídia de ter explorado demasiadamente a emoção das pessoas. O depoimento da jornalista brasileira pode explicar se de fato era exploração de um sentimento ou transmissão de uma experiência real. Ao lembrar a missa final diante do corpo do papa, Ilze volta a se emocionar: “Eu acho que ele representava um pouco o pai pra todo o mundo. E no meu caso, eu perdi o meu pai muito cedo, então, acho que aconteceu ali uma evocação imediata... eu fiquei muito emocionada”. Ela conta que estava ao lado do Ali Kamel, seu chefe (diretor-executivo de jornalismo da Rede Globo), do William Bonner, e conclui: “foi uma choradeira danada”.

Depois de uma pausa, continua: “Eu gostava muito dele. Foi um dia de muita tristeza. Lembro-me daquele caixão de cipreste, simples, no chão, eu realmente não consegui conter as lágrimas. Enfim, pensar naquele homem e tudo o que ele representou... foi um Papa que representou muito”.

Quanto às razões que teriam feito dessa “a maior cobertura multimidiática da história”, Scamparini acredita que a força do Papa foi um dos motivos: O fato de seu pontificado ter sido muito longo, um dos maiores da história. Também a existência de gerações que não sabiam como se dava a eleição de um papa após a morte do outro, é apontado por ela como essencial. Para Ilze teve grande peso a personalidade de João Paulo II. Por ser muito simpático ao mundo islâmico, principalmente depois da posição pessoal dele, contra a invasão do Iraque. “As pessoas gostavam muito dele e depois de toda aquela campanha contra a guerra, ele ficou muito, muito querido”, afirma.

José Maria Mayrink, do Estado de S.Paulo, não acha que tenha sido uma cobertura exagerada, excessiva. “Foi proporcional à importância de João Paulo II”, afirma ele. Também entende que foi na medida da extensão de seu pontificado, um dos mais longos da história, e à visibilidade que ele tinha na mídia. “Era um fato novo jornalisticamente, pois o último papa, João Paulo I, havia morrido em 1978 – o que aumentou o interesse da mídia”.

Mayrink atribui o grande interesse da mídia pelo fato também à presença de grande número de chefes de Estado, reis, ministros, líderes religiosos e outras personalidades no Vaticano. “Foi uma presença que comprovava a incontestável liderança religiosa e importância política de Wojtila”, diz ele.

Muneto Nikai, da TV japonesa NHK, em depoimento ao autor, via e.mail, em 15/5/2009, disse que o Japão não é uma nação católica. O número de católicos no país é de apenas 0,5% da totalidade da população. Mas, a morte do Papa foi um momento histórico "uma grande história" para todas as Tvs nipônicas. “Eu não recebi nenhuma crítica dos telespectadores, e estou certo de que não foi excessiva”.

Dom John Patrick Foley, arcebispo americano presidente do Pontifício Conselho para as Comunicações, em depoimento ao autor, em outubro de 2006, afirmou que a cobertura foi um tributo maravilhoso ao papa João Paulo II e também à Igreja Católica.

Perguntamos se o mundo teria se curvado diante de tudo que o papa fez em vida, segundo algumas manchetes de jornal supunham. Sua resposta foi reflexiva:

João Paulo II foi um ser humano extraordinário. Muito caloroso, muito dinâmico, muito aberto. Ele viajou por todo o mundo, por isso, pessoas de todas as partes consideravam ter quase um relacionamento pessoal com ele. Portanto, quando ele adoeceu e morreu, essas pessoas se identificaram muito com isso e se interessaram muito por isso. E, claro, dentre esses, muitos comunicadores de todo mundo que tiveram contato com ele seja aqui em Roma ou em alguma das viagens ao redor do mundo. Isso fez uma grande diferença no momento de sua doença final e no momento de sua morte.

Dom Foley ainda afirma que muitas pessoas ao redor do mundo sentiam-se familiarizadas pelo papa não só pela cobertura das televisões, mas porque ele havia visitado seus países, talvez até suas cidades.

6 UMA LIÇÃO PARA A MÍDIA MUNDIAL

Alberto Dines,¹¹ judeu, pesquisador sênior do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp, e coordenador do site “observatoriodaimprensa.com.br” analisou, em artigo do dia 5/4/2005, o comportamento da mídia após o anúncio da morte de João Paulo II. Usou uma frase que pode significar muito para aqueles que fazem a grande mídia: “parecia que, desta vez, não haveria lugar para frivolidades. O sofrimento, agonia e morte de João Paulo II ofereceram à mídia a rara oportunidade para assumir a sua porção grave”. O jornalista elogiou a transparência adotada pelo Vaticano, segundo ele, isso permitiu que se estabelecesse um vínculo de solidariedade e respeito transformando o clima hierático, de alta qualidade religiosa, vivido naqueles dias, em um solene momento de reflexão.

Ele criticou a forma como a mídia qualificou excessivamente João Paulo II de conservador e ultrapassado. Para Dines, o debate sobre a Igreja está hoje contaminado por preocupações laicas e pelo fato de muitos jornalistas não serem católicos ou cristãos, por serem religiosamente indiferentes ou ateus.

Para ele, se os jornalistas estão comprometidos com uma visão efetivamente descomprometida e isenta, precisam enxergar João Paulo II como uma das figuras marcantes da segunda metade do século 20. Foi um desses raros líderes que souberam detectar o momento histórico e operar as grandes viradas. “Um pontífice que agiu com tamanho fervor em defesa do ecumenismo e do diálogo inter-religioso não pode ser enquadrado como *conservador*. Só a pressa e a ligeireza das redações explicariam o deslize”, diz ele.

E continua,

um papa que pede perdão pelos pecados cometidos pela Igreja Católica contra outras religiões não é conservador, é vanguardeiro, avançadíssimo, porque, na realidade, pediu perdão não apenas pela tenebrosa Inquisição, mas também por quase dois milênios de violências contra aqueles que preferiram caminhos diferentes do cristianismo.

¹¹ **Alberto Dines** - jornalista e pesquisador sênior do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp. Também é o criador do Observatório da Imprensa – site e programa de televisão.

O experiente e conceituado jornalista acredita que graças à postura desse papa o Vaticano, pela primeira vez na História, foi tão respeitado por anglicanos e luteranos tradicionais, por xiitas e sunitas, por judeus reformistas ou ortodoxos, por budistas e xintoístas, por crentes e descrentes. Teria sido esta uma lição para a mídia? Dines acha que à mídia conviria ter prestado mais atenção a isso.

O bispo responsável pelas Comunicações no Vaticano acredita que a própria mídia mundial, além de lucrar financeiramente, teve a chance de aprender a grande lição de tornar conhecidas as boas notícias ou tornar conhecidas as pessoas boas, porque está habituada a cobrir desastres ou más notícias. “Normalmente, as notícias são definidas como interessantes ou jornalísticas se são duras, más. Nós fomos afortunados por termos uma pessoa como João Paulo II, um indivíduo cuja morte, que foi uma má notícia, foi, de certa forma, uma boa notícia. Eu diria que a mídia achou em João Paulo II um modelo marcante e o cobriu de forma muito positiva”. O bispo alertou que outras más notícias continuam a ocorrer no mundo. Naturalmente a mídia deve cobri-las, mas, espera que enxergue também modelos como o de João Paulo II para oferecer às pessoas instrução, inspiração e exemplo.

Javier Echevarría Rodríguez, bispo católico, teólogo e jurista espanhol, escreveu em 1º de abril de 2006, no site “opusdei.org.br”, que o legado de João Paulo II para a humanidade é o legado de santidade. Para ele o santo padre mudou o mundo "apenas com a força de uma vida inquestionavelmente santa.

A imagem do caixão simples de madeira, com uma Bíblia aberta em cima, colocado em frente à Basílica de São Pedro, e do vento que ia virando as páginas, permanece inesquecível em nossa memória. Em volta, parecia que o mundo inteiro estava ali reunido: cardeais, reis, presidentes, fiéis comuns, líderes religiosos, jornalistas... e, sobretudo, jovens, vindos de todos os recantos da Terra. Outras muitas pessoas contemplavam a cena em suas casas, pela televisão”. Site opusdei.org.br, em 1º de abril de 2006.

Ele acredita ser o conjunto de fatores que envolveu a morte do papa uma herança para a Igreja Católica, os meios de comunicação e toda a humanidade. “João Paulo II gastou toda a sua vida indo ao encontro das pessoas, e no seu funeral o mundo inteiro retribuiu-lhe o gesto: foi ao seu encontro. Apenas com a força de uma vida inquestionável o falecido Papa conseguiu atrair até aqueles que não pensavam como ele!” conclui. Vide: <http://www.opusdei.org.br/art.php?p=6546>

O vaticanista Vittorio Messori confessa:

Para nós foi um grande desafio, mas também uma grande lição. Nós nos vimos envolvidos numa grande comoção e isso marcou o nosso modo de trabalhar. Foi uma grande lição no sentido de aprender como enfrentar os momentos difíceis. Naqueles dias percebemos que as palavras e a própria vida de JP II foram importantes também para nós. Acho que o mundo sentiu o mesmo.

6.1 VATICANO LUCRA COM MEGA EVENTO

A atenção que o papa João Paulo II atraiu “ao máximo” nos últimos dias de vida e depois de morto teria trazido algum resultado vantajoso em qualquer aspecto para a Igreja Católica? Seguramente sua morte impactou milhões, talvez bilhões de pessoas no campo na emoção e religiosidade.

A morte do Papa João Paulo II e a eleição de Bento XVI custaram 7 milhões de euros às finanças do Vaticano, mas a Santa Sé fechou o balanço do ano de 2005 com um superávit de 9,5 milhões de euros. Foi o melhor resultado econômico dos últimos oito anos. Os dados foram apresentados em julho de 2006, pelo cardeal Sergio Sebastiani, presidente da Prefeitura para os Assuntos Econômicos da Santa Sé. As finanças vaticanas voltavam desta forma ao positivo. Comparando como o ano anterior, 2004, o déficit tinha sido de 3,8 milhões de euros.

Apesar do saldo positivo, nem todas as atividades da Santa Sé tiveram superávit: a atividade editorial e de mídia, por exemplo, teve um saldo negativo global de 11,8 milhões de euros. A Rádio Vaticano, 23,5 milhões de euros e o jornal do Vaticano, L'Osservatore Romano, 4,6 milhões de euros, foram os principais responsáveis pelo resultado negativo.

A Tipografia e a Livraria Editora do Vaticano apresentaram um resultado positivo de 653 mil e 650 mil euros. A editora tomou posse dos direitos de todos os livros do atual papa, segundo informação do site da Rádio Vaticano, em 13/7/2006. O resultado pode ser atribuído à melhora na situação dos mercados financeiros, registrada ao longo de 2005, indica o relatório, mas não foi descartado o enorme fluxo de peregrinos que acorreram ao Vaticano com a morte do papa e que continua gerando divisas.

Também é importante destacar que os cerca de 5 milhões de pessoas que estiveram em Roma, naquela ocasião, deixaram a herança das visitas ao túmulo de João Paulo II. Ainda hoje, mais de 20 mil pessoas passam todos os dias por seu túmulo ao lado da cripta onde se encontram os restos mortais do apóstolo Pedro.

Há alguns anos o Anuário Pontifício, livro com os números da Igreja no mundo, vem registrando crescimento no número de fiéis, principalmente na África, Ásia e América. Entre 2005 e 2006 o número de católicos passou de um bilhão cento e quinze milhões para um bilhão cento e trinta e um milhões, aumento relativo de 1,4%.

A confirmar esses dados vêm os fatos. Desde que Joseph Ratzinger foi eleito papa, o número de peregrinos que vão a Roma vê-lo não pára de crescer. São 7 milhões por ano, um crescimento de 20% desde 2005, contrariando as previsões. Balanço apresentado em julho de 2007 mostrava que o Vaticano fechou o ano de 2006 com um superávit de 2,4 milhões de euros. Todas estas informações estão na Revista Época de 17/7/2007, Edição N° 478.

Sucessivamente ao grande evento, as multidões continuaram a lotar a Praça São Pedro para escutar o novo papa. Essas multidões, que contrariando todas as expectativas só aumentaram, são hoje consideradas filhas daquela atenção mundial que oriunda da morte do papa Wojtyła.

O atual diretor da sala de imprensa da Santa Sé, Diretor Geral do Centro Televisivo Vaticano e da Rádio Vaticano, padre Federico Lombardi, exalta o que chama de participação coral de pessoas de todo o gênero, de diversas religiões, de diversas condições sociais no funeral do papa.

Realmente foi um grande evento espiritual que envolveu a humanidade naqueles dias. Nós fazíamos o nosso trabalho sabendo que havia pessoas que não conseguiam tirar os olhos da televisão, quase como um dever de estarem próximas àquilo que acontecia envolvendo essa personalidade amada em todo o mundo. Podemos entender com isso que o papado é uma realidade que deve interpretar e responder às expectativas da humanidade, até mesmo além das fronteiras da Igreja Católica.

Para ele a figura moral de um grande pontífice, como João Paulo II, foi uma luz, um farol que orientou milhões de homens. Depoimento dado ao autor em outubro de 2006.

7 CONCLUSÃO

Após tantas pesquisas e entrevistas, acreditamos ter alcançado o objetivo deste trabalho, ou seja, mostrar como e por que a morte do papa João Paulo II tornou-se a principal notícia da história, o assunto mais destacado pela mídia e de maior impacto na comunidade internacional.

O modo como o fez? Através dos meios de comunicação. Aliás, chegamos à conclusão que tamanho impacto mundial se deveu a uma construção iniciada pelo mesmo papa, há anos. Por ter sido um exímio comunicador, conseguiu criar laços sociais, políticos e afetivos com as pessoas de todos os ângulos da terra.

O conteúdo da cobertura de sua morte ofereceu ao público receptor uma multiplicidade de gêneros jornalísticos, tais como: as notícias factuais, entrevistas, opiniões, editoriais, fotografias, caricaturas etc. Nunca em toda a história da Igreja Católica houve um papa tão filmado, fotografado e, ainda, exibido ao mundo como um doente frágil e sofrido transformado em mortal comum.

Constatamos que João Paulo II foi o papa da sociedade, do espetáculo, um pároco do mundo, que soube tirar proveito de todos os meios de comunicação social, até mesmo nas horas de maior sofrimento.

A morte de João Paulo II transformou-se inesperadamente, devido ao interesse da mídia, num produto ofertado pela Santa Sé com a estratégia de levar ao mundo globalizado uma mensagem da fé, uma evocação de humildade e santidade do seu grande pastor que chegava à reta final. O papa morto tornou-se uma poderosa mensagem religiosa. Mensagem que, por sete dias, foi intensa demais até mesmo para a mídia acostumada a grandes coberturas.

Como relatamos ao longo do trabalho, o número de jornalistas cadastrados no Vaticano, o número de redes de televisão que utilizaram as imagens da Praça de São Pedro, as horas de transmissões gastas naqueles dias, as transformações pelas quais passaram redações de impressos online, rádios e televisões em todo o mundo, a locomoção de autoridades e milhões de pessoas comuns até o papa morto fizeram daquele acontecimento “o maior evento midiático da história da humanidade”.

João Paulo II foi verdadeiramente um “Papa global”, por isso sua morte gerou comoção mundial e a Igreja lucrou em todos os aspectos. Financeiramente, o Vaticano tirou suas contas do vermelho nos anos sucessivos; um dos fatores foi a grande afluência de peregrinos, desde então. Outro resultado positivo para a Igreja, as pessoas ficaram mais abertas ao catolicismo após o evento.

Admirável também o fato de um homem sempre associado ao conservadorismo, na hora da morte, transformar resistências em reconhecimento. Histórico e amado, outras duas qualificações que viriam fazer o mundo reverenciá-lo. O funeral mais prestigiado da história foi marcado por outro feito inédito: colocou lado a lado inimigos históricos. Algo inimaginável e talvez jamais repetível.

Não foi uma semana qualquer. O mundo se uniu num midiático adeus, semelhante à despedida de um familiar querido. Como poucos homens na história, João Paulo II tinha o dom de cooptar apoios e aliados, mesmo esses tendo sido combatidos e contestados por ele. Seu funeral foi um prova disso. Aquela semana ficará marcada na história por ter unido o mundo de forma tão eloqüente.

Por fim, entendemos que os milhões de peregrinos que se dirigiram a Roma, unidos à superaudiência midiática nos funerais do papa, representaram uma evidente resposta ao que o ele fez pela humanidade. E esse é um grande desafio que o mundo terá. Aquelas pessoas pediam clareza para serem guiadas, pediam a existência de homens que façam crescer os valores, homens que conquistem seus corações falando a verdade, homens que saibam construir um futuro na paz e na justiça. Homens como João Paulo II.

REFERÊNCIAS

AMENO, Áureo. **Morte do Papa**. Entrevista concedida a Ronaldo Gonçalves da Silva. (Abril de 2009).

DAYAN, Daniel; KATZ, Elihu. **A história em directo**: os acontecimentos midiáticos na televisão. Minerva: Coimbra, 1999.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DINES Alberto. **Momento Solene. Só um**. Artigo de 5/4/2005. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=323PAP001>.

[ÉPOCA. São Paulo, 360, 11 abr. 2005.](#)

FOLEY, Dom John Patrick. **Morte do Papa**. Entrevista concedida a Ronaldo Gonçalves da Silva. (Outubro de 2006)

GLOBAL Language Monitor, Danville, Califórnia, EUA. Disponível em: http://www.languagemonitor.com/media_analysis/pope-john-paul-ii - em 18 de abril de 2005.

ISTOÉ. , n. 1852,13 abr. 2005.

LOMBARDI, Federico. **Morte do Papa**. Entrevista concedida a Ronaldo Gonçalves da Silva. (Outubro de 2006)

MAOR, Yehoshua. **Mídia**. Artigo de Dayse Bezerra: “**Papa na língua da mídia**”, site: <http://www.canaldaimprensa.com.br/canalant/especial/quarent3/especial43.htm>

MAYRINK, José Maria. **Morte do Papa**. Entrevista concedida a Ronaldo Gonçalves da Silva. (Maio de 2009)

MESQUITA, Welington. **A sucessão no Vaticano: os bastidores da morte de João Paulo II e a eleição de Bento XVI.** [S.]: Landscape, 2007.

MESSORI, Vittorio. **Morte do Papa.** Entrevista concedida a Ronaldo Gonçalves da Silva. (Outubro de 2006)

MUNETO, Nikai. **Morte do Papa.** Entrevista concedida a Ronaldo Gonçalves da Silva. (Maio de 2009).

NOTICIÁRIO. Disponível em: <<http://tv.terra.com.br>> Acesso em 7 abr. 2005

NOTICIÁRIO. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br>> Acesso em 8 abr. 2005

NOTICIÁRIO. Disponível em: <<http://www.aesp.org.br/noticias>> Acesso em 11 abr. 2005

NOTICIÁRIO. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br>> Acesso em 11 abr.2005

PAYACK, Paul. **Cobertura da morte de João Paulo II .** Entrevista concedida à Rádio Renascença de Portugal. Abril de 2005.

PROTZ, Silvonei José. **Morte do Papa.** Entrevista concedida a Ronaldo Gonçalves da Silva. (Outubro de 2006)

ROMULO, Roberto. **Morte do Papa.** Entrevista concedida a Ronaldo Gonçalves da Silva. (Outubro de 2006)

SCAMPARINI, Ilze. **Morte do Papa.** Entrevista concedida a Ronaldo Gonçalves da Silva. Outubro de 2006.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX.** São Leopoldo: Unisinos, 2001.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **João Paulo II**: um ativista midiático. Disponível em:
http://bocc.unisinos.br/_esp/autor.php?codautor=59

VEJA, São Paulo. n. 40, abr. 2005. Edição especial.

VEJA. São Paulo, n. 1899, 6 abr. 2005.

VEJA. São Paulo, n. 1900, 13 abr. 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1995.